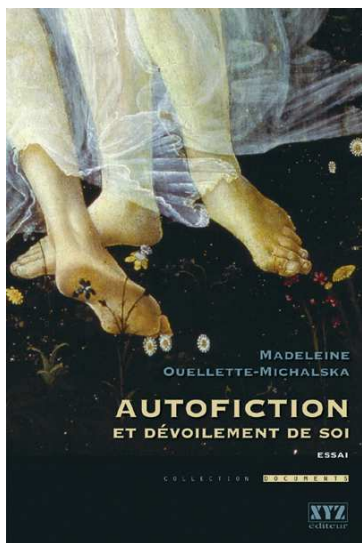


OUELLETTE-MICHALSKA, Madelaine.
Autofiction et dévoilement de soi. Montréal: XYZ,
2007.

Kelley B. Duarte



Madelaine Ouellette-Michalska vem, com essa produção, mais uma vez fertilizar o campo dos estudos da escrita feminina no Quebec. Nela, a escritora e ensaísta propõe uma leitura de obras contemporâneas que privilegiam a narrativa do *eu* para então acompanhar as

mutações do gênero autobiográfico. Michalska chama a atenção para a recorrência de textos de mulheres que se enquadram na categoria de um novo gênero literário: a autoficção. Diante das variações e abrangência que esse gênero apresenta, se comparado à autobiografia que só privilegiava narrativas masculinas sob um pacto de veracidade, a proposta de Michalska destaca a presença da autoficção em produção de escritoras como Simone de Beauvoir, Annie Ernaux, Nelly Arcand, Marguerite Duras, Ying Chen, Catherine Millet e Marie José Thériault e atribui a forte presença feminina em narrativas autoficcionalistas a causas históricas. Para ela, no contexto sociocultural do Ocidente, a mulher sempre desempenhou o papel de personagem no entre-dois do real e do fictício, que aparece e desaparece em figuração secundária na qual ela

não tem voz. Embora o ensaio se proponha mostrar o porquê de as mulheres serem majoritárias na narrativa autoficcional, Michalska não rejeita a análise da produção de dois grandes escritores que também recorrem a esse novo estilo da escrita íntima: Jean-Paul Sartre e Hector Bianciotti. Com essa bibliografia de análise associada ao aporte teórico seletivo e preciso sobre o gênero, a autora oferece uma forte contribuição para os estudos da autoficção e lança as pistas para o aprofundamento dessa nova categoria literária em expansão – sem deixar de passar por Philippe Lejeune –, dando relevo à proposta de Vincent Colonna. Dividido em seis capítulos, o primeiro desse ensaio apresenta-se com o título “Le culte de la divulgation”. É nele que a autora lida com as noções de espaço privado e espaço público, ou melhor, na mescla de ambos ou na invasão de um pelo outro. Ao privado, Michalska associa o corpo, a sexualidade e a intimidade e dessa confluência de elementos ela explica a invasão da esfera cultural. Da mesma forma, é aqui que ela busca entender através de Foucault e Freud a confissão e a sexualidade na literatura. Finalizando o capítulo, a autora aborda a generalização do processo de confissão que, para ela, tornou-se constante na

literatura pela tentativa de querer atingir a autenticidade e de querer compartilhar experiências e sensações fortes. No segundo capítulo, intitulado “L’aveu de subjectivité”, Michalska propõe mostrar a tradição da literatura pessoal e sua relação com a subjetividade na cultura europeia. Para tanto, ela remonta aos *Ensaio*s de Montaigne, cuja subjetividade, na representação de um auto-retrato do autor, também ganharia equivalentes na pintura e na poesia. Tudo isso para revelar que a prática autobiográfica, ligada à necessidade de se dizer ao outro, já existia bem antes de se tornar um fato literário admitido e reconhecido. Em seguida, apresenta as limitações do pacto autobiográfico e sua definição na proposta de Philippe Lejeune. Ela também aborda, no fechamento do capítulo, as confusões entre romance e autobiografia criadas através de situações tais como o *eu* do romance ser ao mesmo tempo aplicado ao personagem e ao narrador da obra. No capítulo seguinte, “Ruses et déplacements autobiographiques”, Michalska faz uma leitura crítica da obra de três autores que, em seu julgamento, souberam habilmente manipular as estratégias narrativas autobiográficas. Por meio de Sartre, Annie Ernaux e Nelly Arcan que, por diferentes razões,

ocupam lugares significativos na literatura, Michalska tentará encontrar respostas para perguntas do tipo: A autobiografia se limita à vida imediata do autor? Ela se constrói acima de tudo baseada na lembrança, ou ela tomaria emprestado, da ficção e do dispositivo textual, certos artifícios e certos procedimentos de escritura narrativa? Entrando no universo da autoficção, o quarto capítulo, “L’incertaine autofiction”, investiga as origens desse gênero, sua expansão, e lança novos questionamentos desafiadores. Comparada à autobiografia, até que ponto a autoficção pode abolir a distância entre privado e público, entre o íntimo e seu desvelamento? Baseada em definições como as de Vincent Colonna e Régine Robin, que consideram a autoficção um gênero híbrido, no qual se misturam realidade e ficção, Michalska procura explicação para a ambigüidade do gênero, assim como para a certeza de muitos críticos que acreditam terem encontrado na autoficção a própria essência da pós-modernidade. O quinto capítulo da obra, “Des femmes à l’avant-scène de l’autofiction”, vai abordar a identificação da mulher escritora com essa forma literária híbrida e incerta que lhe permitirá manifestar seu corpo, sua sexualidade e, por que não, seu erotismo. Devido às impre-

cisões da autoficção, Michalska afirma que essa relação encontra-se na posição ambígua, no entre-dois natureza/cultura, que a mulher sempre ocupou no cenário social e literário. A narrativa autoficcional seria, portanto, o espaço de manifestação do eu e, ao mesmo tempo, o local propício para mostrar aquilo que ela sempre foi historicamente: uma personagem meio real, meio fictícia. Com isso, a mulher ganharia sua “liberdade”, uma vez que se deslocar entre interno e externo, entre privado e público lhe permite abandonar o universo fechado da casa. “Âmes et machines désirantes”, penúltimo capítulo do ensaio, invoca inicialmente a obra de Marguerite Duras para falar de autoficção. Para Michalska, é a obra de Duras a responsável pela forma atual desse gênero, posto que *L’amant* (1984) não poderia ser mais emblemática na união entre ficção e autobiografia. No seguimento, tem-se Hector Bianciotti, escritor de origem italiana, nascido na Argentina, que constrói uma narrativa, *Le traité de la saison* (1977), misturando biografia e ficção sem jamais recorrer ao *eu*. Nessa produção, o autor lança um olhar para seu passado, sua infância, capaz de captar e reproduzir na arte o essencial da realidade, tudo isso sem precisar fazer uso de técnicas de

escritura. Estaria aí o valor da obra que, para Michalska, traduz-se como terna, inteligente e sensível, atingindo um grau raro de perfeição. Depois, será a vez de Ying Chen com *L'ingratitude* (1995), obra na qual o estreitamento do espaço-tempo na autoficção suscita o questionamento sobre as linhas que a autora estabelece com a memória. Por último, Michalska cita Catherine Millet e seu best-seller *La vie sexuelle de Catherine M.* (2001) para então mostrar sua singularidade, se comparada a outras autoficções femininas de mesmo sucesso em vendas naquele ano. A obra é considerada ao mesmo tempo uma biografia sexual, que escapa da ordem cronológica, e um testemunho. Na definição da própria autora dessa autoficção, trata-se de um texto que “estabelece a verdade de um ser singular”. Michalska dedica o último capítulo de seu ensaio, “La lettre comme fiction du corps amoureux”, ao romance epistolar. Ela interpreta esse gênero como uma forma narrativa ficcional e autônoma da subjetividade. Para elucidar sua idéia, ela referencia não menos do que as cartas atribuídas à religiosa portuguesa Mariana Alcoforado, cuja publicação data de 1669. Assim, um dos últimos questionamentos lançado por Michalska nesse

ensaio suscita a refletir se a ficção ou fabulação de si passaria somente pela autoficção. *Autofiction et dévoilement de soi* é um ensaio da desconstrução no que se refere a qualquer tentativa de encontrar, em sua leitura, formas fixas que normatizem o gênero autoficcional. A única certeza que o leitor poderá encontrar, se é que pode existir alguma, é de que a autoficção encontra-se na esfera da experimentação. Isso se confirma na variedade enunciativa no plano da escrita feminina apresentada nesse ensaio. A cultura ocidental, que por muitos séculos reduziu o espaço identitário do sujeito feminino, já presenciou o rompimento de códigos patriarcais e hoje convive com uma diversidade de modalidades e recursos literários para a expressão ou recriação do *eu* feminino. Vale pensar que a autoficção, enquanto espaço narrativo onde a mulher é ao mesmo tempo enunciativa e sujeito do enunciado, permite que ela assumam amplamente o papel de agente. Em narrativas femininas, a autoficção veio para ficar!